



# AEDOS

Revista do corpo discente  
do PPG-História da UFRGS

## Quando Clio encontra Agrado e Desagrado: Mobilidade de gênero a partir de *Tudo sobre minha mãe* de Almodóvar

When Clio finds Agrado and Desagrado: Gender mobility through *All about my mother*, by  
Almodóvar

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo refletirá algumas das múltiplas situações referentes à sensível arquitetura subjetiva de pessoas que se declaram em situações de transgeneridade e de ex-transgeneridade. Para tanto, serão utilizadas personagens metafóricas criadas com objetivos didáticos/heurísticos e inspiradas no filme *Tudo sobre minha mãe*, de Pedro Almodóvar, bem como as noções de *entre-lugares* e de *não-lugar*, respectivamente de Homi K. Bhabha e de Marc Augé.

**Palavras-chave:** gênero e sexualidade; “cura” de travestis e transexuais; entre-lugares.

**Abstract:** This article will reflect some of the many situations related to the sensitive subjective architecture of people who declare themselves in transgenerational and ex-transgenerational situations. For that, it will use metaphorical characters created with didactic/heuristic objectives and inspired by the film *All about my mother*, by Pedro Almodóvar, as well as the notions of inter-places and non-place respectively by Homi K. Bhabha and Marc Augé.

**Keywords:** gender and sexuality; "heal" of transvestites and transsexuals; between-places.



*Agrado, em Tudo Sobre Minha Mãe,  
de Almodóvar, 1998*

Todo ato de criação é antes um ato de destruição  
*Picasso*

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela USP (2000), Mestre em História do Tempo Presente pela UDESC (2010), Doutor em História Social pela USP (2015), Pós-Doutor em Ciências das Religiões pela UFPB (2018), em História pela UFSC (2017) e em Ciências Humanas pela UFSC (2016). É Docente-Visitante do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas (PPGDH-UFPB) e do Departamento e Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba (DCJ-CCJ-UFPB).

## Introdução

Em 2016, publiquei um texto que chamei de “Quando Clio encontra Hermafrodito e Tirésias, mas Narciso está no caminho: Reflexões a partir de história oral em ministérios de “cura” de travestis”.<sup>2</sup> Naquele texto, procurei apresentar algumas reflexões epistemológicas/teóricas/metodológicas relativas aos riscos e desafios de se fazer uma pesquisa quando se é uma pessoa “nativa” – tomando como caso a minha pesquisa de doutorado em História Social<sup>3</sup> sobre impactos religiosos na (re/des) construção da subjetividade de pessoas transgêneras, sendo que eu mesma<sup>4</sup> me identifico como pessoa transgênera também. Surgiram – nem tanto no artigo, mas principalmente na tese – questões relacionadas ao *afeto* (especialmente no sentido da pessoa ser afetada pela sua pesquisa, como proposto por Jeanne Favret-Saada (2005)), e também ao *desafeto* no sentido de que as *subjetividades* – (re/des) encontros de sujeitos em redes – também podem (des) encadear re(l)ações e te(n)sões problemáticas e sensíveis entre as pessoas pesquisadas e em alguns casos entre estas e quem pesquisa. De algum modo, a pesquisa ainda demonstrou experiências que caminharam entre o *agrado* e o *desagrado* (ou o que pode ser considerado (in) conveniente ou (des) agradável ao se fazer uma pesquisa acadêmica).

*Agrado* e *desagrado* são termos que poderiam dizer respeito às tensões e disputas entre pessoas pesquisadas (e em alguns casos envolvendo quem pesquisa) e ao que pode ou não ser considerado conveniente fazer ou escrever em uma pesquisa acadêmica. Entretanto, o caminho que o presente texto tomará será outro. Das preocupações acerca das relações entre quem pesquisa e as pessoas pesquisadas,<sup>5</sup> nesta contribuição para o dossiê *Temporalidades dissidentes: sujeitos LGBT+ e a escrita da História*, da Revista Aedos, peregrinaremos para outras articulações relativas à engenharia subjetiva. De algum modo ensaístico, instável e rasurável, as noções de *entre-lugares* e de *não-lugar* (respectivamente de Homi K. Bhabha e de Marc Augé) inspirarão personagens-metáforas criadas com fins heurísticos/didáticos e que

---

<sup>2</sup> Dossiê “Quando Clio encontra as ‘sexualidades disparatadas’”, organizado por Durval Muniz de Albuquerque Junior e Elias Veras para a Revista *Esboços* (v. 23, n. 35) em 2016.

<sup>3</sup> O título da tese, depositada em 2014 na Universidade de São Paulo (USP), foi: *(Re/Des) Conectando Gênero e Religião: peregrinações e conversões trans\* e ex-trans\* em narrativas orais e do Facebook. Me utilizando do que chamei de etnografia/história oral ciborgue* (ou uma etnografia e história oral realizadas em contextos ciberespacial e extra-cibernético), pesquisei o que pessoas transgêneras, ex-transgêneras e em outras situações não-cisgêneras faziam com o que determinados discursos religiosos (principalmente de igrejas inclusivas e de ministérios de “cura, restauração e libertação” de travestis faziam (ou procuravam fazer) delas.

<sup>4</sup> Utilizo provisoriamente o “e” no lugar de “o” ou de “a” para marcar minha experiência subjetiva de gênero, entre-gêneros e não-binária.

<sup>5</sup> Como se fosse fácil distinguir quem pesquisa de quem é “sujeito” (à) da pesquisa: muitas das vezes a pessoa “pesquisada”/“pesquisável” está tão ou mais atenta aos movimentos de quem pesquisa do que vice-versa.

servirão como figuras da (re/des) elaboração identitária de gênero.

As reflexões desse texto, que, em tempos de Escola Sem Partido<sup>6</sup> e apoio à Marlene de Fáveri<sup>7</sup>, procura *tomar partido das diversidades e sensibilidades*, tomam como *partida* o filme *Tudo sobre minha mãe*, de Pedro Almodóvar (1999), o texto de Sônia Weidner Maluf (2002) comentando sobre esta película, e observações de campo feitas durante minha tese de doutorado em História Social (2014).

## 1. Agrado, DesAgrado, ReAgrado e outras figuras da mobilidade de gênero: no Caminho, em *descaminhos* e em *recaminhos*

Chamo-me Agrado porque em toda minha vida pretendi agradar aos demais. Além de agradável, sou muito autêntica. Olhem que corpo! Feito à perfeição. Olhos amendoados: 80 mil. Nariz: 200 mil. Um desperdício porque numa briga fiquei assim (mostra o desvio no nariz). Sei que me dá muita personalidade, mas se tivesse sabido não teria mexido em nada. Continuando. Seios: dois, porque não sou nenhum monstro, 70 mil cada, mas já estão amortizados. Silicone... – Onde? (pergunta alguém da plateia). Lábios, testa, nas maçãs do rosto, quadris e bunda. O litro custa 10 mil. Calculem vocês, porque já perdi a conta. Redução de mandíbula: 75 mil. Depilação definitiva a laser, porque a mulher também veio do macaco, 60 mil a sessão, depende dos pelos de cada um. Em geral duas a quatro sessões, mas se você for uma diva flamenca, vai precisar de mais. Como eu estava dizendo, custa muito ser autêntica, senhora, e nessas coisas não se deve economizar, porque se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma.

*Agrado*, em *Tudo sobre minha mãe*, de Almodóvar, 1998

### 1.1 Agrado

---

<sup>6</sup> O Programa Escola Sem Partido (ESP), movimento político-ideológico fomentado por Miguel Nagib em 2003, teve maior eco a partir de 2014, a partir de reuniões com o então deputado estadual Flávio Bolsonaro, à época filiado ao Partido Social Cristão (PSC/RJ). Flávio é filho de Jair Bolsonaro, hoje presidente da República eleito pelo Partido Social Liberal (PSL). Tal movimento, “impulsionado através de alguns Projetos de Leis (PLs), visa eliminar a discussão política e crítica no ambiente escolar, e restringir os conteúdos de ensino a partir de uma pretensa ideia de neutralidade do conhecimento, contradita no bojo do próprio documento do Programa Escola Sem Partido” (Nota de apoio da disciplina Gênero, Política e Religião (PPGH/UFSC), 2017), e fundamenta-se no que Michel Foucault dizia a respeito da produção de “regimes de verdades” de dispositivos: “o par “série de práticas/regime de verdade” forma um dispositivo de saber-poder que marca efetivamente no real o que não existe e submete-o legitimamente a demarcação do verdadeiro e do falso” (FOUCAULT, 2008, p. 27).

<sup>7</sup> Marlene de Fáveri, professora de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), especialista em gênero e feminismos, foi acusada por uma ex-orientanda, Ana Caroline Campagnolo, professora de História em escolas de Chapecó (Santa Catarina), de perseguição ideológica e religiosa pelo fato desta ser cristã e anti-feminista. O que houve, entretanto, foi resistência a discursos de caráter misógino, sexista, transfóbico, homofóbico e racista da referida ex-aluna. Argumentos como o de Campagnolo e da ESP lembram o que Wolfgang Röd nota acerca do caráter da sofística: “o sofista (...) é um professor a quem interessa unicamente o sucesso material, independentemente de qualquer compromisso com o ideal de verdade e com o dever moral” (RÖD, 2014, p. 98). Não entendo que o objetivo seja sumamente material, mas de caráter mais amplo: o de propagar regimes de validação do crer e dispositivos fundados no super-conservadorismo sócio-político. Vale ainda considerar que as tentativas de apagamento dos estudos de gênero e sexualidade a partir da ESP tem claro conteúdo fóbico às subjetividades e sensibilidades não-cisgêneras e não-hétero, além de misógino. É possível relacionarmos o “avanço” (talvez seja mais adequado utilizarmos o termo ataque) de concepções reacionárias na esfera pública à misoginia sofrida pela ex-presidenta Dilma Rousseff quando do golpe parlamentar/jurídico/midiático de 2016. Sobre tais motivações misóginas: ZDEBSKYI; MARANHÃO F<sup>o</sup>; PEDRO, 2015, e GERALDES; RAMOS; SILVA; MACHADO; NEGRINI, 2016.

Algumas personagens fictícias<sup>8</sup> – mas baseadas em gente de verdade, em gente muitas vezes considerada de *gênero disparatado* – nos acompanharão como *metáforas* neste artigo. A primeira é *Agrado*, baseada na personagem de mesmo nome do filme *Tudo sobre minha mãe*, do cineasta espanhol Pedro Almodóvar. *Agrado*, como explica Sônia Weidner Maluf, faz parte de um filme que representa uma elegia às margens. Para a autora, Almodóvar

mostra, como em quase toda sua filmografia, como as experiências de margem podem ser ao mesmo tempo reveladoras e transgressoras dos mecanismos de poder naturalizados nas ideologias e nos modos de vida dominantes nas sociedades urbanas ocidentais contemporâneas. No filme, desejo e sofrimento se cruzam e constroem uma trama que aos poucos vai dissolvendo alguns princípios estabelecidos sobre corpo, gênero e identidade (MALUF, 2002, p. 143).

Maluf (2002, p. 144) explica que

*Agrado*, a principal personagem travesti do filme, gosta de falar de seu corpo. “Tudo o que tenho de verdadeiro são os meus sentimentos e os litros de silicone que me pesam toneladas”. Quando ocupa o palco para substituir uma peça de teatro que não pôde ser apresentada pela ausência das duas atrizes, ela diverte, fascina e seduz homens e mulheres da plateia contando sua história de vida – na verdade uma fala sobre seu corpo. Brinca, calculando quanto vale pela quantidade de silicone aplicado nos seios, na bunda e em outras partes do corpo, e pelas cirurgias pelas quais passou.

O monólogo de *Agrado* (apresentado na íntegra na epígrafe), tem uma parte célebre: “Como eu estava dizendo, custa muito ser autêntica, senhora. E, nessas coisas, não se deve economizar, porque se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma”. Nessa concepção, a autenticidade está em *ser como sonhou ser*.

*Agrado* “representa”<sup>9</sup> algumas das pessoas transgêneras<sup>10</sup> ou trans\*<sup>11</sup> binárias que, inconformadas com o sistema sexo/gênero que lhes foi atribuído no nascimento, fazem uma jornada em direção ao sistema sexo/gênero de auto-identificação. Exemplificando, é a pessoa que foi outorgada “menino” ao nascer, mas, sentindo-se/sabendo-se “menina/mulher”, empreende uma engenharia de gênero, muitas vezes (des) envolvendo adaptações estéticas, capazes de moldar sua expressão/interface à sua identidade/subjetividade – ou seja, *sendo*

---

<sup>8</sup> Todas as figuras metafóricas aqui apresentadas assim o são com fins meramente heurísticos e didáticos, objetivando uma maior grade analítica e de compreensão sobre a emergência de subjetividades e sensibilidades de gênero.

<sup>9</sup> Este trabalho não pretende *representar* ninguém em nenhum dos dois sentidos da palavra. Não pretende *representar* politicamente as pessoas descritas, visto estas terem agência suficiente para representarem a si mesmas; e nem *representar* as pessoas no sentido de rotulá-las, prescrever identidades às mesmas. As personagens-metáforas desse texto servem apenas como recursos didáticos e heurísticos – absolutamente rasuráveis, errantes e provisórios – para *representarmos/(re)pensarmos* algumas situações identitárias/subjetivas de pessoas trans\*, ex-trans\*, ex-ex-trans\* e em outras situações sócio-políticas de *transgressão* a expectativas normativas de gênero.

<sup>10</sup> Transgeneridade é concebida no texto como a condição sócio-cultural política de inadequação ou inconformidade às convenções e expectativas sócio-políticas referentes ao sistema sexo-gênero outorgado no nascimento. Não refere-se a identidades específicas (assim como seu diminutivo trans\*). Ver LANZ, 2014; MARANHÃO F<sup>o</sup>, 2014.

<sup>11</sup> Trans\*, aqui, é utilizado como diminutivo de pessoa transgênera – não sendo sinônimo de nenhuma identidade específica.

*autêntica quanto mais se parece com o que sonhou.* Mas como pessoas como Agrado costumam ser acolhidas, por exemplo, em igrejas evangélicas? A presença dessas pessoas costuma ser *agradável* e elas costumam ser consideradas *autênticas*?

Durante minha pesquisa de Doutorado, identifiquei dois campos envolvendo cristianismos contemporâneos, mais especificamente relacionados às igrejas evangélicas. Um desses campos foi constituído pelas autoproclamadas *igrejas inclusivas*. Essas são ambientes religiosos que, em maior ou menor instância, costumam agregar em sua liderança e membresia pessoas que não são cisgêneras e pessoas que não são heterossexuais. Ainda que possam ocorrer episódios de menor aceitação de pessoas transgêneras/não-cisgêneras nas igrejas autodeclaradas inclusivas, de modo geral essas pessoas costumam ser bem acolhidas. Tomando como exemplo duas delas, as agências paulistanas da *Igreja da Comunidade Metropolitana* (ICM) e da *Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional* (CCNEI), fundadas respectivamente em 2006 pelo Reverendo Cristiano Valério e em 2004 pelo pastor Justino Luís, destacam-se em suas biografias eclesiais três pessoas: Josiane Ferreira de Souza e Alexya Salvador, na ICM, e Jacque Chanel, na CCNEI. As três são pessoas que a partir das suas inserções em igrejas inclusivas se sentiram, mais do que pessoas transgêneras, *mulheres de Deus* (MARANHÃO Fº, 2014) e foram consideradas pessoas *agradáveis* pelas igrejas que as acolheram. Mas nem sempre as pessoas trans\* são acolhidas dessa forma por outros espaços auto-declarados cristãos.

O outro campo de pesquisa que fiz foi relativo a missões evangélicas que dizem “curar, restaurar e libertar”<sup>12</sup> pessoas transgêneras da transgeneridade e pessoas homossexuais da homossexualidade (ou do “homossexualismo”, como costumam conceber). Nesses espaços, as pessoas trans\* costumam ser vistas com desconforto e incômodo, podendo ser consideradas *desagradáveis* – o que nos conduz a outra figura da mobilidade de gênero contemporânea, que aqui podemos chamar de *DesAgrado*.

Tais pessoas passaram pela figura de mobilidade de gênero que convencionamos como Agrado e depois fizeram o caminho reverso da transição, o da *destransição*. Essas pessoas, quando transicionadas, eram vistas como *desagradáveis* por setores evangélicos conservadores/reacionários como os que pregam a “cura, restauração e libertação” de tais indivíduos. Movimentos de *destransição* ou *engenharia reversa de gênero* sinalizam que nem todas as pessoas que fazem a transição de um sistema sexo/gênero para outro permanecem neste. Algumas retornam ao sistema sexo/gênero de “origem”. Assim, surgem indagações:

---

<sup>12</sup> Para uma distinção entre cura, restauração e libertação, leia NATIVIDADE, 2006.

como se dão os processos de *destransição*? O que motiva pessoas a *destransicionarem*? Há pessoas que não se adaptam a tais *desconversões* e *reconvertem* novamente seu gênero?

Além das situações protagonizadas por Agrado e DesAgrado, podem ocorrer outros movimentos subjetivos de gênero, e para entendermos os mesmos, acompanhemos outras personagens/metáforas da mobilidade subjetiva de gênero: *ReAgrado*, *NeoAgrado*, *DesReAgrado*, *EntreAgrado* e *PósAgrado*, além da figura fundante das demais, *PréAgrado*. Conheçamos essas personagens e os caminhos e lugares em que elas circulam.

## 1.2 DesAgrado e outras figuras da mobilidade subjetiva de gênero: entre o (des) regrado e o Sagrado

*I was born on the other side of a town ripped in two  
Hedwig and the Angry Inch*

### 1.2.1 Lugar de PréAgrado

Podemos considerar que nossa primeira personagem Agrado nasceu em *Lugar*, termo que simboliza o local identitário de construção da subjetividade, de formação da identidade (pensada *nesse contexto específico* como algo fixo, e não na esteira de Stuart Hall, Rosi Braidotti, Katryn Woodward, Pierre Sanchis, Sandra Harding, Michel Agier, dentre outras/os, como algo móvel, líquido, em busca e em processo).<sup>13</sup>

Esse Lugar fixado, na esteira do que nota Marc Augé (1994, p. 36), pode ser considerado o “lugar antropológico” da

construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja [...] é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa.

Os *lugares*, para Augé, têm três características comuns: se pretendem *identitários*, *relacionais* e *históricos*. Cada lugar corresponde a “um conjunto de possibilidades, prescrições e proibições cujo conteúdo é, ao mesmo tempo, espacial e social”. O lugar de nascimento de uma pessoa, por exemplo, é constitutivo da identidade individual. Nesse sentido, a pessoa transgênera que é outorgada em um determinado sistema sexo-gênero histórica e

<sup>13</sup> Ver HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000; AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, 2001; BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividade. *Labrys*, n. 1-2, 2002; HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1, p. 7-32, 1993; SANCHIS, Pierre, Inculturação? Da Cultura à Identidade, um Itinerário Político no Campo Religioso: o caso dos agentes de Pastoral negros. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 55-72, 1999; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000. Comentário acerca da provisoriedade identitária em MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Desestabilizando e rasurando conceitos (sobr)e identidades. *Agenda Social*, v. 9, n. 2, p. 31-45, 2016.

relacionalmente convencionalizado e não o reconhece, não se percebe adequadamente encaixada nas expectativas sociais referentes a tal sistema.

Assim, conhecendo Lugar e não se identificando com ele, Agrado preferiu se debandar de lá procurando outro ambiente que lhe fosse mais *autêntico*. Lugar é o primeiro constituinte/continente existencial de identidade – prescrito socialmente a todas as pessoas, e é a partir deste, com “L” maiúsculo, que a vida se inicia e o restante da mesma vai tomando forma. Lugar representa o local de nascimento por excelência e remete à *cisgeneridade*, ou à continuidade das convenções sociais e comportamentos esperados para a pessoa que é enunciada *menina* ou *menino*. Lembrando Augè (1994), é “princípio de sentido a quem lá reside e de inteligibilidade a quem observa”, a quem fica e a quem sai do Lugar.

A quem nasce no Lugar espera-se que percorra a estrada binária<sup>14</sup> que sai do Lugar e reconduz ao mesmo. A essa estrada podemos chamar *Caminho*. Para entendermos como este se (re) constitui, podemos lembrar duas figuras clássicas da literatura infantil, João e Maria. Ao saírem de casa, *a menina* e *o menino* jogavam *migalhas de pão* na estrada para que localizassem o caminho de retorno ao lar. Metaforicamente, podemos pensar nos *atos performativos de gênero* (BUTLER, 2003) como migalhas que reconduzem a pessoa ao Lugar Cisgênero através do Caminho Binário, o que nos remete à personagem *PréAgrado*, que nasceu no *Lugar*, transita pelo *Caminho* e está fixada ao Lugar. É metáfora da pessoa cisgênera, a que se sentiu confortável com o sistema sexo/gênero designado ao nascer e deu continuidade às convenções e práticas esperadas ao mesmo.

Lugar, *princípio de sentido e inteligibilidade*, é referência para a elaboração de outros espaços identitários/ subjetivos, assim como PréAgrado é referente de Agrado e de nossas demais personagens. Aliás, todas personagens nascem no Lugar como PréAgrado, ainda que nem todas permaneçam lá – afinal, este é um local destinado a quem é PréAgrado, que se fixa no Lugar e não vê necessidade de se deslocar em termos de gênero (e não há nenhum problema nisso). Agrado mesm@<sup>15</sup> foi denominad@ PréAgrado antes de saber ser... Agrado. El@ saiu de Lugar rumo a outro continente em que estabeleceu morada, o *Novo Lugar*.

### 1.2.2 Agrado em Novo Lugar

---

<sup>14</sup> Brune Bonassi escreveu sobre a cisnorma relacionada à binariedade em BONASSI, 2017.

<sup>15</sup> As personagens apresentadas são referidas através do neutro @, já que Agrado refere-se a pessoas não-cisgêneras com identidades femininas, masculinas, neutras, agêneras, bigêneras etc.

Agrado é metáfora para pessoas trans\* binárias – como travestis, mulheres transexuais e homens transexuais<sup>16</sup> – que foram designadas no Lugar como *menina* ou *menino*, não se identificaram como tal e fizeram uma jornada de adequação do corpo e/ou nome ao sexo/gênero que sabem ser *autêntico*. Tal jornada – de *transgressão* às normas cis – é realizada através do *Caminho Binário* que remete aos ideais de feminilidade ou masculinidade d@s morador@s de Lugar e conduzem Agrado a um Novo Lugar, também regido pela *Constituição Binária*, o conjunto de normas tácitas e explícitas que regem a conduta social cis-heteronormativa, costumeiramente vista como ideal.

As principais demandas de Agrado se referem aos direitos às retificações de nome e de corpo, e merecem total apoio para a conquista dos mesmos, já que assim como as pessoas cis, as pessoas trans\* binárias têm o *mesmo* direito de se sentir confortáveis com seu corpo e nome.

*Realizar o Caminho Binário* é tomar posse dos *Planaltos da Passabilidade* – em que se é *mais autêntic@ quanto mais se parece com o que sonhou para si mesm@*.<sup>17</sup> Por exemplo, homens trans geralmente querem ser *passáveis* socialmente como se fossem homens cis. Um problema na jornada é que nem todo homem trans se parece (é *passável*) com um dado estereótipo de homem cis (ao qual a maioria dos homens cis também não se parecem), o que gera frustrações a alguns homens trans que percorrem os *Vales do Ideal Masculino*: “eu sou mais gordinho, nunca vou parecer Chuck Norris ou Buck Angel, e quero manter cabelo longo, pois curto *rock*, mas outros meninos trans disseram que não sou passável”.<sup>18</sup> Em Novo Lugar (ou no universo das transgeneridades em contexto brasileiro), até o momento, são mais aceit@s @s *caminhantes* que levam na bagagem os sinais físicos de sua *passagem* de um binário a outro (ou que pretendem conquistá-los), ainda que existam muitas formas de ser homem ou mulher e que a simples declaração “sou mulher” ou “sou homem, e daí” – devesse ser levada em conta. Agrado transita pelo *Entre-Lugar* e se *fixa* ao aportar no Novo Lugar, aquele que sente – *sabe* – ser seu. Para tal, necessita *transportar* no corpo e/ou no nome os itens adquiridos no caminho.<sup>19</sup> Contudo, há quem gostaria de acessar o Novo Mundo mas não preenche os requisitos necessários para passar pela *Alfândega da Passabilidade*, que autoriza ou não a

---

<sup>16</sup> Ainda que sejam minoria, há travestis, mulheres transexuais e homens transexuais que se identificam pessoas *não-binárias*. Do mesmo modo, há outras pessoas que adequam seu corpo e/ou nome ao sistema sexo/gênero de autoidentificação, diverso do de atribuição ao nascer, e que *não se identificam* travestis, homens transexuais ou mulheres transexuais – isto demonstra a instabilidade de tais termos. Ainda há travestis, mulheres transexuais e homens transexuais que não pretendem – ou não podem por algum motivo – adequarem nome e corpo, como veremos no exemplo a seguir, de NeoAgrado.

<sup>17</sup> Sobre passabilidade, ler LANZ, 2014.

<sup>18</sup> HOMEM trans, *entrevista a Maranhão Fº*, 2011.

<sup>19</sup> A ideia de *entre-lugar* nesse texto é legatária de Bhabha (1998). Formulei, a partir do conceito de *entre-lugares* de Bhabha, conceitos como o de *entre-gêneros*: MARANHÃO Fº, 2012.

entrada. Tais pessoas às vezes não puderam se submeter a hormonizações, cirurgias ou corrigir seu nome por questões familiares, trabalhistas, econômicas, religiosas, psicológicas, etc. É uma história de *NeoAgrado*.

### 1.2.2 NeoAgrado em Novíssimo Lugar

NeoAgrado não adquiriu a bagagem “necessária” para empreender a jornada e residir em Novo Lugar (ou seja, não empreendeu as mudanças estéticas supostamente necessárias para ser considerada pessoa transgênera pelas demais pessoas transgêneras). Mas mesmo impossibilitad@ de transitar através de tecnologias de correção de nome e corpo *acredita-se e sabe-se autêntic@*. Não carrega determinadas lembranças da jornada (como a retificação de prenome e/ou modificações corporais) pois circunstâncias diversas a obstaculizaram.

NeoAgrado é também a pessoa trans\* binária que não pretende adquirir as bagagens do caminho que lhe confeririam *passagem para um mundo passável*. Se sente Agrado sem parecer PréAgrado. *Sabe-se* travesti, mulher trans ou homem trans (ou somente *mulher* ou *homem* sem ter sido reconhecida assim em Lugar) sem ser passável, por exemplo.

NeoAgrado sai com a mala vazia e chega em *Novíssimo Lugar* sem nada na bagagem, mas transformad@ pela viagem. Esta é mais uma *jornada ao centro da terra* que pelo mundo exterior. Sua aprovação ou a aprovação alheia não necessitam da peregrinação pelos fiordes da terapia hormonal, da transgenitalização, etc. Sua *aceitação e assunção* como pessoa transgênera às vezes é tão íntima que ninguém fica sabendo. Às vezes ela *compartilha* e nem todo mundo *curte* – afinal, é difícil *passar* no crivo alheio sem ser *passável*. NeoAgrado é a pessoa transgênera que por não ter *transicionado* esteticamente muitas vezes não é aceita nem pelas pessoas cisgêneras nem pelas demais pessoas transgêneras.

Enfim, Novíssimo Lugar, Novo Lugar e Lugar são os respectivos cantinhos de acolhimento de NeoAgrado, Agrado e PréAgrado. Tanto na fixidez de PréAgrado como nas jornadas de Agrado e NeoAgrado costuma-se manter a reverência ao rosa-anil da bandeira binária.<sup>20</sup> Novo Lugar e Novíssimo Lugar demonstram *desencaixes em deriva* – na *transgressão* das normas esperadas pelo nascimento – com *devires de encaixe* nas planícies binárias do sistema cisgênero (ou cis-tema). De algum modo, há espécie de “retorno” para a Casa na qual não se foi reconhecid@ adequadamente.

Até aqui, então – relembando as *figuras metafóricas da mobilidade de gênero* apresentadas – temos PréAgrado, mulher cisgênera (ou cis) ou homem cisgênero (cis) que se sente confortável com o sexo/gênero binário oferecido por Lugar; Agrado, travesti, mulher

---

<sup>20</sup> Podemos conceber que as cores da *bandeira binária* são o azul e o rosa, representando “meninos” e “meninas”.

transexual ou homem transexual que demanda adequações como as de nome e corpo para residirem adequadamente no Novo Lugar; e NeoAgrado, a pessoa transgênera<sup>21</sup> que não pode transicionar corpo e/ou nome ou que não sente necessidade de tal – mas merece o *mesmo* reconhecimento e respeito das pessoas trans\* que têm tais demandas ou que conseguem atendê-las. Agrado e NeoAgrado são figuras da (*re/des*) carpintaria identitária generificada e *passam* pelo Entre-Lugar até alcançarem *porto fixo*. Mas muitas destas figuras permanecem – provisória ou permanentemente – em movimento. Seriam figuras dos Entre-Lugares. Trata-se, por exemplo, de *EntreAgrado*.

### 1.2.3 EntreAgrado Entre-Lugares

PréAgrado não precisa traçar nenhum roteiro de viagem e alçar vôo, está satisfeita no Lugar de gênero em que nasceu / foi designada.<sup>22</sup> Agrado e NeoAgrado peregrinam com destino certo na conquista por suas autenticidades. Mas, há um espectro amplíssimo de pessoas que se encontram nos *Mares dos Entre-Lugares* – alguns *nunca dantes navegados*.

Bhabha (1998, p. 30), pensando os entre-lugares, diz que “nesse deslocamento, as fronteiras entre casa e mundo se confundem e, estranhamente, o privado e o público tornam-se parte um do outro, forçando sobre nós uma visão que é tão dividida quanta desorientadora”. A noção de entre-lugar de Bhabha ultrapassa a fronteira da espacialidade, alcançando outras dimensões de entendimento: serve para pensar a cultura, a temporalidade e as relações entre diferença/identidade, exclusão/inclusão, interior/exterior, passado/presente. Os entre-lugares são estes espaços de *subjetivação* nos quais podemos identificar diferentes instabilidades, ciborguismos, deslocamentos, assujeitamentos, giros e agenciamentos identitários realizados na relação com @ *outr*@.

A ideia de entre-lugares inspira pensarmos situações relacionadas ao *estar entre* das identidades de gênero com suas múltiplas mesclas *entre* fluxos e ciborguismos. Podemos pensar, por exemplo, em situações de *entre-fluxos* (*entre-mobilidades, entre-trânsitos, entre-deslocamentos...*), que podem sugerir instabilidades, nomadismos e errâncias em maior ou menor escala dentro de diferentes marcadores identitários: a morada de pessoas que *transitam entre-lugares identitários e/ou entre-expressões* é ora aqui, ora ali.<sup>23</sup> Muitas destas pessoas se

---

<sup>21</sup> Que muitas vezes se designa travesti, mulher transexual ou homem transexual mesmo sem ter transicionado em termos estéticos.

<sup>22</sup> Isso não quer dizer que uma pessoa cisgênera – nascida e residente em Lugar – não passe durante a vida por situações entre-gêneros ou transgêneras. Assim, podem haver biografias / identidades / subjetividades entre-gêneros bem como momentos da vida ou situações entre-gêneros (MARANHÃO Fº, 2012).

<sup>23</sup> Há pessoas trans\* que fazem percursos/fluxos de gênero mais intensos que os percursos/fluxos religiosos, por exemplo. Ou vice-versa, dentre muitas outras equações envolvendo outros marcadores identitários.

situam *entre*: não estão de modo fixado nem em um polo nem em outro. Mas, estar *entre* não significa necessariamente ir e voltar de um lugar ao outro de maneira pendular. Há pessoas que fazem dados percursos e se fixam/estabilizam. Nas palavras de tais pessoas, “fiz o trânsito uma única vez” ou “estava *entre gêneros* somente até chegar ao meu objetivo”.<sup>24</sup> De modo parecido, “estive *entre religiões* até me encontrar na minha casa”.<sup>25</sup>

Dentre as pessoas EntreAgrado podem encontrar-se Pré-Agrado, Agrado e NeoAgrado. É o caso de pessoas cis e pessoas trans\* que fazem *trânsitos transitórios* entre os gêneros *se montando, fazendo drag e/ou praticando crossdressing*, o que pode ocorrer por motivos diversos, como por simples diversão<sup>26</sup> ou pela (momentânea ou permanente) impossibilidade de assumirem uma identidade trans\*. As fronteiras entre o que é identidade e o que é expressão de gênero são bastante imprecisas, dependendo da auto-compreensão e declaração de quem transita. Dentre estes deslocamentos, há pessoas que se identificam em fluxos religiosos ou/e de gênero e que podemos designar provisoriamente *entregêneros* e *entre-religiões*. É importante ressaltar que tais termos podem se relacionar com outras formas de *estar entre*, relacionadas (ou não) a outros marcadores sociais.<sup>27</sup> Conceitos que relacionam tais situações mais ou menos instáveis e associadas à situação de *estar entre* podem ser identificados como *errantes e sem residência fixa*. Como tudo ou quase tudo nesta tese e na vida, destinam-se à provisoriedade.

Dentre milhares de possibilidades, EntreAgrado também é quem visa tornar-se Agrado, NeoAgrado ou retornar à situação de Pré-Agrado, mas tem dificuldade, ao menos em certo momento de sua história, em visualizar a chegada. É a história da pessoa trans\*, ex-trans\* ou ex-ex-trans\* que está em etapa de seu caminho, não vê o porto de conquista, mas segue o fluxo. Caminham transicionando, *destransicionando* ou *retransicionando*, mas percebem que a jornada é – ao menos ainda – *inconclusiva*. Às vezes as *entre-águas* não oferecem navegação segura: há quem titubeie entre o retorno à moradia anterior – qualquer que seja esta – ou persista na conquista por novo porto. É o caso da pessoa que narra “eu sei que sou mulher trans mas me sinto presa ao meu passado de homem cis e não sei o quanto vou ser bem-sucedida na

---

<sup>24</sup> PESSOA transgênera 1. Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F<sup>o</sup>, 2014. O objetivo mencionado era o de *completar a transição* através da redesignação genital.

<sup>25</sup> PESSOA transgênera 2. Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F<sup>o</sup>, 2011. A *casa* aqui referida é uma casa de santo do candomblé ketu. As referências às expressões *entre gêneros* e *entre religiosidades* foram apresentadas nas narrativas após minha indagação sobre se estas pessoas se sentiam *entregêneros* ou *entre-religiosidades*.

<sup>26</sup> Uma situação entre-gêneros momentânea relacionada à diversão, por exemplo, está na inversão de gênero realizada no Carnaval. Ver DA MATTA, 1987 e BASTOS, 2018. Tais situações entre-gêneros, no entanto, não necessariamente situam esses indivíduos como pessoas entre-gêneros ou transgêneras.

<sup>27</sup> É a partir da concepção de mobilidade – ou melhor, de *mobilidades* – que podem surgir termos que tentam explicar outros marcadores, como *entre-raças*, *entre-classes*, ou outros.

transição”.

Claro que de um momento para o outro, do Entre-Lugar pode-se chegar ao Novo Lugar, Novíssimo Lugar ou Lugar. Neste caso, Entre-Lugar é sinônimo de *provisoriedade*. O Entre-Lugar – por excelência – é passagem do Continente Cis (naturalmente binário) ao Continente Trans\* Binário: ambos se encontram no mesmo hemisfério, *binário*. Mas existem os Entre-Lugares Não-Binários, que veremos na parte destinada a PósAgrado. Dentre as figuras de mobilidade de gênero que navegam pelos Entre-Lugares Binários, destacam-se *DesAgrado* e *ReAgrado*.

#### 1.2.4 DesAgrado e ReAgrado à casa retornam

O que ocorre quando Agrado ou NeoAgrado resolvem voltar para Lugar – como PréAgrado? Este é o caso das *destransições*, aqui expressas na figura de *DesAgrado* (ou *ExAgrado*). Outrora autoidentificada como travesti, mulher transexual, transgêner@ ou homem transexual, busca o regresso para a Casa Cisgênera.

As etapas da história de *DesAgrado* compreendem a saída de Lugar para o Novíssimo Lugar ou o Novo Lugar, neste caso empreendendo alterações corporais, e a volta, com o *desfazimento* da engenharia corporal anterior. As peregrinações por Entre-Lugares são mais ou menos longas. Pergunta-se: há pessoas que não se adaptam a tais *desconversões* e *reconvertem* novamente seu gênero? Respondendo, esta é a história de *ReAgrado*, que parte de Lugar rumo a Novíssimo ou Novo Lugar. Chegando em um desses, decide regressar a Lugar, desfazendo possíveis arquiteturas estéticas. Mas em Lugar, percebe que ali definitivamente não era o “lugar” para chamar de seu, e... *retransiciona*, muitas vezes em meio a novos empreendimentos tecnológicos de *(re/des)construção* de si. Tais giros e *(re/des)fazimentos* identitários entre *DesAgrado* e *ReAgrado* podem ser feitos diversas vezes, como na pessoa que se designa *ex-ex-ex-ex-travesti*. Ou em outra perspectiva, *ex-ex-ex-ex-cis*. Ou *ex-travesti*, *ex-trans*, *ex-cis*, *ex-drag*, etc. Em todos os casos, parece navegar-se pelos mares dos Entre-Lugares Binários. Entre *ReAgrado* e *DesAgrado*, eventualmente surge outra figura, *DesReAgrado*. Em que lugar esta se encontra?

#### 1.2.5 DesReAgrado em Não-Lugar

*DesReAgrado* não tem lugar para morar. Algumas pessoas que passam por ministérios de “cura, restauração e libertação” (ou *conversão de gênero*) de travestis e se *(re/des)transicionam* contam não encontrar mais acolhimento em Lugar, Novo Lugar ou Novíssimo Lugar. Nem estarem em fluxo Entre-Lugar, aguardando porto seguro. É sair (ou cair) no mar aberto e permanecer nele com o barco em pane. Sem porto alcançável, nem aparente esperança de

resgate. É a figura d@ *desregrad@*, d@ *desgarrad@*, que se encontra no relento e à contragosto.

Esse Não-Lugar, a reboque do que nota Augé (1994, p. 86), designa a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços” considerados prometidos “à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero”, e produzidos pela supermodernidade. É nesse sentido que DesReAgrado, levando a questão do corpo abjeto referido por Butler (2003) *in extremis*, não consegue ler a si mesma dentro de uma determinada situação binária de gênero. Nestes casos, como viver sem um hemisfério, um continente, um lugar, um porto binário? Nesta situação de não-morada em um *Não-Lugar*, o momento de instalação do caos interior parece ser a todo o momento.

Não se perceber em um dado polo binário – ou passar por uma situação não-binária a contragosto – pode assumir outras facetas. DesReAgrado pode morar em uma comunidade indígena e nunca ter ouvido falar em ministério de conversão de travestis ou em travestis. Nasceu em um Lugar e sempre permaneceu nEle. Nunca se sentiu pertencente ao Lugar. Sabe que é seu um *Outro Lugar*. Mas, este é da ordem do desconhecido, do inabitável ou do inóspito: não lhe é permitido chegar ali.

DesReAgrado pode ser indígena e saber o que é ser travesti. Pode saber o que é um ministério de conversão de travestis e ter sido alvo de um desses.<sup>28</sup> Nasceu em um Lugar, soube que este não era seu e procurou Outro Lugar. Mas @ trouxeram de volta ao Lugar. Em ambos os casos, instala-se o caótico... o Não-Lugar – situação não-binária de imenso desconforto, vivida debaixo de uma irradiante educação binária. Mas nem sempre o Não-Lugar é lugar de desespero. Apresenta-se a figura de *PósAgrado*.

### 1.2.5 PósAgrado em Pós-Lugar

Nem todas as figuras da mobilidade generificada sentem desconforto ao se perceberem em Não-Lugar – talvez por existirem diferentes Não-Lugares e a situação de DesReAgrado refira-se a um *Não-Lugar da Ordem Binária*. *PósAgrado* curtiu a ideia de sair de Lugar, de

---

<sup>28</sup> Remeto aqui a trabalho de campo que realizei entre 2013 e 2014 no Alto Rio Negro, Amazonas, quando identifiquei um ministério de “cura, restauração e libertação” de travestis indígenas (dentre outras pessoas consideradas por tais ministérios como “adictas” e “endemoninhadas”: pessoas viciadas em álcool, cocaína, pasta de crack). Sobre esse assunto: MARANHÃO Fº, 2015. Acerca de assunto similar, a homossexualidade indígena, ler, por exemplo, FERNANDES, Estevão Rafael. Homossexualidade indígena no Brasil: desafios de uma pesquisa. *Novos Debates*, Fórum de Debates em Antropologia, p. 26-34, 2014; FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, e MOTT, Luiz. A homossexualidade entre os índios do Novo Mundo antes da chegada do homem branco. In: BRITO, Ivo et al. *Sexualidade e saúde indígenas*. Brasília: Paralelo 15, 2011. Importante realçar, quando digo que são assuntos similares, que transgeneridades e homossexualidades não são termos sinônimos, portanto não devem ser confundidas (MARANHÃO Fº, 2014).

Novo Lugar ou de Novíssimo Lugar, ultrapassar a linha do horizonte do Hemisfério Binário rumo a *PósLugar* ou *Não-Lugar Não-Binário*. PósAgrado pode ter se designado cis, trans\*, ex-trans\*, mas não achou mais suficientes os continentes conhecidos e navegou pelos *Entre-Lugares Não-Binários* condutores a uma imensidão de portos.

O Não-Lugar – provavelmente um lugar do desconhecido – costuma ser entendido por morador@s de Lugar, Novíssimo e Novo Lugar como ambiente de ausência de gênero. Não é verdade, ainda que *A-Agrado* (ou *SemAgrado*) lá resida, e seja a figura da pessoa agênera, que não se sente nem um pouquinho mulher e nem um pouquinho homem. Em PósLugar, há figuras sem-fim. *BiAgrado* percebe dois gêneros binários concomitantes em si. *PoliAgrado*, vários. *PanAgrado*, todos os possíveis e imagináveis. Há misturas: quem se veja metade agêner@ e metade feminina, quem se saiba parte PanAgrado, parte SemAgrado, parte BiAgrado, dependendo das circunstâncias.

Costuma-se *pregar* em PósLugar, por exemplo, que para cada habitante do planeta, inclusive @s habitantes do Hemisfério Binário, existam uma ou mais alternativas identitárias de gênero, ou alternativas identitárias *ao* gênero. Posições como estas costumam colocar tais pessoas como *hereges*, *ateus/atéias* de gênero, *adept@s* de um *panteão não-binário* (geralmente confundido com um panteão *anti-binário*) com vistas a *desagradar @ Deus@ Binári@*. Denota-se que no Hemisfério Não-Binário haja uma infinidade de Entre-Lugares a se explorar/(re/des) descobrir.

Há muitas pessoas que se situam no Entre-lugar N-B, mas de modo diferente das que se situam no Entre-lugar Binário. As primeiras não navegam em busca de um porto binário, ainda que por ventura busquem se fixar em algum porto não-binário do Não-Lugar, do Entre-lugar ou do Pós-Lugar, como o Agênero, o Pangênero etc. As segundas, como já vimos, estão batalhando por algum porto binário relacionado a Lugar, Novo Lugar ou Novíssimo Lugar. Mas em ambos os casos, o que parece ocorrer é que tod@s ou quase tod@s procuram um porto. Seguro.

Em síntese, todas as figuras da mobilidade de gênero nasceram no Lugar. Algumas escolheram caminhar entre-lugares. Umas preferiram rumar para Novo Lugar ou Novíssimo Lugar. Outras optaram – ou foram de algum modo exiladas em Não-Lugar. Muitas estão viajando Entre-Lugares. Algumas preferiram ficar à deriva. Teve quem retornou. Cada pessoa pode representar mais de uma figura em movimento ou estar entre-figuras. Há EntreAgrado que se sente parcialmente/simultaneamente (ou em outro momento) DesReAgrado e vice-versa, assim como qualquer outra equação. Além disso, uma figura pode levar a outra. Ou ainda se (con) fundirem.

### Considerações *inconclusivas*

Utilizando tais figuras como exemplos *metafóricos e teóricos* do que identifiquei empiricamente a partir de situações autênticas de pessoas reais durante a confecção da tese, Agrado nasceu PréAgrado, com um sistema gênero/sexo/corpo/alma outorgado,<sup>29</sup> mas não se identificou com o mesmo. Qual a solução? Fazer a *transição* do “masculino” para o “feminino” através de cirurgias em série. No caso da *destransição/desconversão* e da *reconversão/retransição* de DesAgrado e ReAgrado, *renovam-se* as operações de (*re/des*) encaixes. Costuma-se trilhar o Caminho Binário para retornar ao Lugar ou acessar o Novo Lugar. Em outros casos, não se chega a um Lugar: permanece nos *vales da sombra e da morte* em que *há ranger de dentes* do Não-Lugar (AUGÉ, 1994) ou peregrina-se permanentemente Entre-Lugares.

O corpo (*re/des*) transformado (por vezes *transtornado*) é espaço de (*re/des*) territorialização de sujeitos *das (e nas) margens* e de sujeitos *dos centros generificados/religiosos*, (*re/des*)arquitetados através “de uma nova *bildung*: a *bildung* do corpo. *Através* do corpo e *no* corpo, se constrói uma nova pessoa”, e se o silicone, para Agrado “representa o processo, a agência, a ação do sujeito sobre o que é visto como estruturalmente *dado*” (MALUF, 2002, p. 146), a *retirada do mesmo* representa *igualmente* um processo (ou dependendo do viés, um retrocesso), a agência, a ação do sujeito sobre o que também é visto como estruturalmente *dado*. Depende, aqui, de quem *dá*, *anuncia/enuncia* o discurso. Nesta trilha, existiria um *silicone do Senhor* e um *silicone do Diabo*.

Se, para Maluf, a pessoa que *transiciona* o gênero “desloca a posição do sujeito de um lugar estruturalmente fixado” (Idem, 2002, p. 151), o mesmo ocorre com a Agrado desse ensaio. Ela sai do fixo Lugar Cisgênero em direção a um cantinho só seu, mas similar ao que conheceu ao nascer. Se por um lado, Agrado *subverte* o esperado a ela, ter um sexo/gênero masculino, de outro, *reproduz* alguns padrões binários e essencializados: a “mulher” deve ter seios assim, um quadril assado. Há, assim, um *mix* de subversão de determinados padrões e assujeitamento a outros.

Os *assujeitamentos* a padrões binários de gênero podem ser vistos em modelos de PréAgrados, não só em Agrados – bem como em DesAgrados também, como no caso das pessoas ex-trans que *remodelam* o corpo por entenderem que, se tornando novamente *varões*

---

<sup>29</sup> Anne Fausto-Sterling (2012) conceituou *sexo-gênero* como o sistema em que ambas as coisas estão conectadas (mesmo não sendo sinônimas). De modo similar, em dadas concepções, *corpo e alma* refletem um na outra como instâncias interligadas. Dessa forma, podemos pensar um sistema que agregue sexo-gênero e corpo-alma (MARANHÃO Fº, 2014).

*de Deus*, assim *agradarão a Jesus*. Haveria um outro binário aqui, religioso? *Trevas e luz* se (*re/des*) encontram através de corpo e alma repletos de binariedades? A *desconversão/destransição* representa um assujeitamento após subversão? Ou a subversão da conversão anterior?

É possível dizer que o corpo *transgênero* seja tentativa de *subversão ao assujeitamento* e o corpo *ex-transgênero* uma *reiteração do assujeitamento*? E o corpo nem *transgênero* nem *ex-transgênero*, poderia *reiterar* e (*re/des*) integrar concepções naturalizadas do que pode ser considerado conversão/subversão/transgressão? Possivelmente entre caminhos e *descaminhos*, as subversões e assujeitamentos, entradas e saídas das rotas binárias do cis-tema devam ser vistas das formas mais *desessencializadas* possíveis.<sup>30</sup>

Subversão e assujeitamento podem ser a *estrada de mão-dupla* para a engenharia subjetiva. Se missionários de “cura” de travestis podem ser considerados tradicionais e conservadores na perspectiva de algumas pessoas, na de outras podem ser vistos como revolucionários. Em qual perspectiva um líder de igreja inclusiva é considerado mais conservador ou mais revolucionário que um missionário de “cura” de travestis, e vice-versa? Entre sujeitos e discursos religiosos/generificados, *odres novos com vinho velho*<sup>31</sup> e *odres velhos com vinho novo*, ou ainda *odres novos com vinho novo* e *odres velhos com vinho velho*, uma ampla diversidade de concepções fixas e/ou *transicionadas* pode *transbordar/transcender*.

Entre *agradar* e *desagradar @ outr@*, destaca-se a relação entre *assujeitar/subverter e (re/in) validar*. A frase “meu nome é Agrado, pois nasci para agradar os outros”, ao menos de forma geral e em alguma medida, poderia ser aplicada a PréAgrado, ReAgrado, DesAgrado e as demais figuras da (*re/des*) engenharia identitária. Nesta concepção, para existir, constituir-se e sentir-se *alguém*, deve-se *satisfazer os anseios de satisfazer @ outr@*. Isto encontraria consonância no que Butler denomina *ligação apaixonada ao assujeitamento*<sup>32</sup> e nos regimes de validação do crer de Hervieu-Léger<sup>33</sup>.

Hervieu-Léger define quatro tipos de validações do crer, todas relacionadas à mobilidade religiosa contemporânea. O primeiro regime seria o de *autovalidação do crer*, no

<sup>30</sup> Acerca dos limites entre transgressão e sujeição ao binário em pessoas transgêneras, ver LANZ, 2014.

<sup>31</sup> Faço aqui referência à parábola do vinho novo em odres velhos (presente no Novo Testamento bíblico em Mateus 9:14-17, Marcos 2:18-22 e Lucas 5:33-39, e no gnóstico Evangelho de Tomé. Odres novos e vinho novo podem remeter à renovação enquanto odres velhos e vinho velho, ao conservadorismo.

<sup>32</sup> Em termos de gênero, assujeita-se à norma das identidades de gênero femininas para *sentir-se feminina* e para se *sujeitar às expectativas sociais do que é ser feminina* – isto sendo aplicado em relação ao pólo *masculino*, no caso dos homens trans (isto sendo visto de modo genérico e devendo ser *desessencializado*: há homens trans e mulheres trans que não vêm a necessidade de determinados assujeitamentos).

<sup>33</sup> Hervieu-Léger refere-se a quatro regimes de validação do crer religioso: individual, recíproco, comunitário e institucional.

qual “o sujeito reconhece apenas para si mesmo a capacidade de atestar a verdade da sua crença” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 158). O segundo seria a *validação mútua do crer*, sendo que, nesse regime, “quando participa dos encontros de um círculo espiritual com afinidades, o grupo lhe oferece o apoio de um dispositivo de “compreensão mútua” a serviço de cada um dos membros” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 160). O terceiro, o regime de *validação comunitária do crer*, em que “a coesão comunitária testemunha, para cada um, a verdade do crer comum”, quando

crentes convictos assumem certezas partilhadas em formas comuns de organização da vida cotidiana e de ação no mundo. É em um modo de vida fundado inteiramente sobre princípios religiosos que se atesta a pertinência das crenças (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 160).

E o quarto, o *regime institucional da validação do crer*, “realizado por instâncias garantidoras da linhagem de fé”, em que “o tipo de organização do poder de cada tradição varia” e “autoridades religiosas reconhecidas (padres, rabinos, irmãs etc.) definem as regras que são, para os indivíduos, os sinais estáveis da conformidade da crença e da prática”.<sup>34</sup>

*Transportando* esses regimes de validação do crer religioso a um dado *crer generificado*, podemos pensar que em diferentes níveis (da validação mútua, comunitária e institucional), para *se perceber autêntic@*, antes de tudo precisa-se *ser vist@*, *aceit@* e (re) *conhecid@ pel@ outr@*. Ao mesmo tempo, de modo semelhante ao que Hervieu-Leger (2008, p. 163) infere acerca do regime de autovalidação, neste “desaparece toda instância de validação além do indivíduo, ele mesmo. É nele mesmo, na certeza subjetiva de possuir a verdade, que encontra a confirmação da verdade da crença”, e é sempre possível que, de modo sensivelmente resistente, a pessoa encontre em si mesma a *validação de gênero* da qual precisa.<sup>35</sup>

Para Agrado, ReAgrado e DesAgrado (e PréAgrado também), mais do que o “desejo de aparência (parecer ser o oposto do que não se quer ser)”, existe o “desejo de ‘aparecência’ (desejo de aparecer), desejo de evidência de uma corporalidade construída” (MALUF, 2002, p. 145). O mesmo ocorre com DesReAgrado, mas esta não parece ter esperanças no momento de ser *reconhecida* em sua *aparecência*, visto perceber seu templo *profanado* e *em ruínas*. Pensando na maioria d@s noss@s companheir@s de viagem nesse texto, as concepções são de

---

<sup>34</sup> A autora reforça que “o regime da validação institucional do crer remete à autoridade religiosa (os detentores do poder de definir a verdade do crer) o cuidado de confirmar as crenças e práticas dos fiéis. O critério considerado é o da conformidade das crenças e das práticas para com a norma fixada pela instituição” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 162).

<sup>35</sup> Ela reforça que no regime de autovalidação, “desaparece toda instância de validação além do indivíduo, ele mesmo. É nele mesmo, na certeza subjetiva de possuir a verdade, que encontra a confirmação da verdade da crença” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 163).

que deve-se *agradar* a si mesm@s ao assujeitar-se a um binário,<sup>36</sup> *agradar* ao/à próxim@ e, principalmente, a Deus. Em uma perspectiva de pessoas trans\* de igrejas inclusivas, “se o templo do Espírito Santo é meu corpo, adorno como quero”, e numa concepção própria a missionários de “cura” de gente trans\*, “como Jesus vai habitar neste templo *deformado* que eu tenho? *Reforma já!*”.

A ideia do *formar, deformar e reformar identitário* pode ser pensada a partir dos *Mecanismos psíquicos do poder* de Butler (2002), quando esta fala sobre a ideia do *tropo*. Este termo, uma figura de linguagem, uma metáfora, no caso, deriva do grego *τρόπος*, *trépo*, que significa *girar, rodar, fazer a volta*, e diz respeito à mudança de significado ou/e de direção. Em Butler, o termo relaciona-se às relações de poder: tal *giro* ou *volta* é relativa à possibilidade de (*res*) significação do *eu*, da subjetividade – em situação de dominação e assujeitamento: é a (*re*)criação e (*re*)invenção de si a partir da *resistência* às normas, quando é exercitado o *cuidado de si* como prática subversiva e reflexiva de liberdade.

São diversos os giros remetentes às (*re/des*)transições/(*re/des*)conversões. Pode-se falar aqui, citando Haraway (2013), em *eu* e @ *outr@*,<sup>37</sup> ou Maluf (2002, p. 150), em *englobad@* e *englobante*, na medida em que há “um dualismo hierárquico em que sempre um dos termos acabará englobando o outro – no caso da cultura de gênero, o termo ‘englobante’ invariavelmente tem sido o masculino”. Agreguemos: “no caso da cultura generificada/religiosa”. Para a autora, “o masculino é a ausência de gênero (o englobamento da diferença no sujeito universal); o feminino é o gênero (o termo que marca a diferença, onde a particularidade aparece)” (BUTLER, 2002, p. 150), e de modo semelhante, falar de “identidades de gênero” é referir-se às transgeneridades – mesmo porque não se costuma falar em “identidades cisgêneras”. E por que isto? Provavelmente, porque a dominação opere pelo sutil apagamento do dominador. A pessoa “diferente é a outra”.

É relevante pensar que mulheres transexuais e travestis *invertem* sua condição de englobantes para englobadas, ao identificarem-se/definirem-se como mulheres ou de outros modos no plano do “feminino”. De modo semelhante, pessoas trans\* não-binárias que foram designadas “homens” no nascimento, ao assumirem sua feminilidade (ainda que de modo

---

<sup>36</sup> Cabe novamente realçar os foscas limites entre o que por vezes podemos considerar binário e não-binário. Refletindo sobre Alexya, por exemplo, como vê-la, ainda que se declare mulher trans, como binária (ou sempre binária) se ao mesmo tempo ela reivindica para si a posição de fora da *caixinha de gênero*, sou *simplesmente gente*. O mesmo pode valer a todas as demais pessoas *descritas na tese* e todas as pessoas *inscritas na vida*, com diferentes *trânsitos* entre situações (mais ou menos) binárias e não-binárias.

<sup>37</sup> Ler ainda KUNZRU, Hari. “Você é um ciborgue”. Um encontro com Donna Haraway. In: TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue*. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, e TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues. O corpo elétrico e a dissolução do humano. In: TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue*. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

diverso da de pessoas trans\* binárias) ou sua ageneridade, abdicando de alguma (ou toda) forma à sua condição “masculina”, passam de englobantes a englobades/englobadas. É o caso em que “o ‘predador’ se torna ‘presa’, em que “aquele que estruturalmente se encontra na posição de sujeito busca se construir contingencialmente como sujeito, não mais na posição estruturalmente fixada, mas na experiência instável da transformação do devir como movimento sem fixação final” (BUTLER, 2002, p. 151). São os casos de Agradados, que podem sofrer assujeitamentos do discurso religioso por se identificarem no feminino – e, quando retornam ao masculino na figura de DesAgrado, readquirem a figura assujeitadora do masculino – reforçada pelo cis-tema religioso. Às que retornam à figura de ReAgrado, se é acompanhada pela nova condição de englobada.

Mas não podemos dizer que a constituição da identidade trans\* ou ex-trans\* a partir da (*re/des*) construção do corpo esteja *primordialmente* vinculada ao assujeitamento *ao/à outr@* e (*re/in*) validação *dest@*. Provavelmente – mais que tudo – estas pessoas procuram assujeitar-se aos *seus próprios* desejos e expectativas de, por exemplo, *ser e sentir-se mulher, ser e sentir-se travesti* ou *ser e sentir-se homem*. Ou ainda *ser e sentir-se mulher de Deus, ser e sentir-se travesti de Deus* e *ser e sentir-se homem de Deus* cujo corpo *é habitado pelo Espírito*. Mas ainda assim a relação entre subversão e enquadramento a determinado binário se (*re/des*) constitui. Enunciação e assujeitamento/eu e @ *outr@/englobante* e englobad@/*Lugar e Não-Lugar* podem *comungar* em qualquer instituição religiosa. Se uma igreja inclusiva diz *você é travesti de Deus*, uma missão de “cura” diz *você é do Diabo enquanto for travesti*: descrevem-se/prescrevem-se identidades, ambas aparentemente dentro do binário religioso/generificado remetente ao *você é travesti de Deus/você é ex-travesti de Deus*. Ou na perspectiva contrária, *travesti* ou *ex-travesti do capeta*.<sup>38</sup>

Neste contexto religioso-generificado, o que parece valer é que Agrado, DesAgrado ou ReAgrado (vale para identidades-desdobramentos como uma possível *ExReAgrado*, por exemplo) – @ *convertid@*, @ *desconvertid@* e @ *reconvertid@* de gênero – estejam de algum modo conectadas com o *sagrado*, ainda que seja um *sagrado de gênero* (ou o gênero (como) *sagrado*). Mas como ficam outras figuras da (*re/des*)elaboração identitária de gênero, como DesReAgrado e PósAgrado?

No primeiro caso, de DesReAgradados, tais pessoas muitas vezes percebem a si mesmas como abjetas – *monstros*, como me mencionou uma pessoa que passou por um ministério de

<sup>38</sup> Mas fica a questão: isto não ocorre também com as pessoas cisgêneras? O que é parecer e/ou ser homem? E parecer e/ou ser mulher? *De Deus* ainda por cima? @s cisgêner@s não estão – a todo momento – reiterando e procurando adequar-se a normas generificadas (e em alguns casos religiosas ou generificadas/religiosas)?

“cura” de travestis, e tais conformidades físicas (e psíquicas) se associam às identidades espirituais. É como se houvesse a plaquinha “São Pedro só deixa entrar no Céu homem e mulher nascidos assim”. Lamentavelmente, a abjeção/monstruosidade é aprendida/apreendida com o discurso religioso/generificado que associa *salvação do corpo e da alma*, e aquelas pessoas que percebem seu corpo *fora da caixinha salvífica sexual/de gênero*, se creem indignas de *banquetear com Cristo*. Nestas concepções, a reforma íntima deve passar pela (re) arquitetura de corpo e espírito.

No caso de PósAgradados, ou de pessoas que se veem como não-binárias (inclusive agêneras) ou pós-gênero, estas podem ou não ter *transicionado* seus corpos de alguma forma.<sup>39</sup> *Transicionadas* esteticamente ou não, pessoas não-binárias, ao se identificarem como tal ou serem percebidas como pessoas fora de dadas expectativas sociais de sexo/corpo/gênero também podem ser descritas/prescritas (por vezes *proscritas*) como não tendo *lugar certo* no cis-temático Lugar Generificado/Religioso. Em uma narrativa,

minha avó é católica e não admite que eu tenha aparência andrógina menos ainda que eu me veja sem sexo e gênero. Ela diz que eu nasci menina e tenho de morrer menina, que odeia ver que a menina que ela criou morreu e que tem um troço que parece menino na frente dela. E que Deus não me aceita misturada. Então tenho me camuflado. Quando fico na casa dela procuro passar por menininha, saio de lá corrida pra ter minha identidade que às vezes é bigênera na expressão mas aqui dentro é agênera, é pós-gênera. Não tenho gênero nenhum. Pior que sou super catolique (risos).<sup>40</sup>

Assim, para além do corpo, a *autoidentificação/marcação/expressão de uma pessoa não-binária como agênera* pode agir no *impedimento de seu acesso ao Céu*, mesmo que ela seja *super catolique*, o que demonstra que outras quebras do binário esperado ao corpo/sexo/gênero (como a autodeclaração) podem se *relacionar à salvação* da pessoa. Enquanto a pessoa for *passável* como mulher ou homem binári@ ela pode se situar no *Lugar* por excelência, operando como englobante em relação a quem *transgride* claramente as normas – mas *transitou* para o continente da *ilegibilidade/ilegitimidade*, se é englobada em um giro performático que pode custar a passagem para o Paraíso Generificado/Religioso.

Fica a pergunta/provoca-ação: a *conversão/salvação d’alma* é condicionada pela *conversão/salvação de sexo/corpo/gênero*? Refletindo sobre os dois cenários principais da tese

<sup>39</sup> Algo a se considerar é a relação da não-binariedade com a *passabilidade*. Quando tais pessoas são identificadas como “corretamente” afinadas a um determinado binário, ainda que não se vejam desta forma, em geral ficam *menos passíveis de tentativas de assujeitamento* de sexo/gênero. De modo semelhante, uma pessoa trans\* binária que seja “corretamente” *passável é menos passível* de assujeitamentos de uma pessoa trans\* binária ou não-binária que não *passa* “adequadamente” pelas expectativas binárias se corpo/sexo/gênero. Lembro que *passabilidade*, aqui, é *ser lid@ como pessoa cisgênera* (ou pessoa que está em conformidade com as expectativas sociais a respeito dos papéis e estereótipos esperados a mulheres e homens). O sentido de passabilidade pode, entretanto, *transicionar*. É possível cogitar *passabilidades drag, transhomem, CD, travesti, n-b*, e daí por diante.

<sup>40</sup> PESSOA transgênera 3. Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 2014.

supramencionados, se nos ministérios de “recuperação” de travestis há a concepção de que corpo e alma *são de Jesus* e por Deus feitos masculinos, e nestes *templos* não se deve mexer, em igrejas inclusivas corpo e alma *são de Jesus* e mesmo que o primeiro tenha sido moldado masculino, neste templo pode-se mexer sim, adornando-o feminino (e vice-versa). Para os primeiros, *salvação* d’alma parece se relacionar diretamente com o corpo *transtornado* que deve ser *transformado*, como questiona um missionário: “suponha que uma pessoa que abdica da sua condição natural e abdica do conceito que Deus trouxe pra ele, o seu gênero, e no caso deforma o corpo sagrado, como ele chega aos céus?”<sup>41</sup> A relação entre conversão do corpo e salvação pode ser observada nesta fala:

eu fui travesti, aí morei na casa da missão durante um ano e meio como homem, convertido e salvo. Mas aí fui pra rua e caí. Aí fiquei assim. Não sou mais travesti. Mas também não sou homem. Sou assim né? Sei que não sou salvo sendo assim.<sup>42</sup>

Uma pessoa que passou por outra missão de recuperação/*conversão* de travestis contou:

pra eles eu não sou gente. Não sou travesti, então eles não conseguem mexer no meu corpo porque eu sou operada, fiz vagina, e não podem ganhar seu bom dinheirinho. Eles não têm como me transformar em homem, então não rendo aquele testemunho. Não dou lucro (...) Não sei o que sou. Tenho vagina. Não me vejo mais mulher e tenho vagina. Não sou travesti. Não sou homem. Mexeram com minha estrutura.<sup>43</sup>

De modo semelhante, outra pessoa entrevistada narrou:

meu sonho era fazer o corpo. Me tornar mulher. Mas fui percebendo que eu nunca seria mulher de verdade. Era tudo um sonho. Olha bem pra mim. Você acha que eu ia conseguir ser mulher? Hoje em dia já tá tudo caro, pensa há uns 15 anos? Eu morei em clínica de recuperação. Fiquei mais de dois anos. Minha lição, olhar pra mim e não saber mais o que é isso. Não sou travesti, não sou homem, o que eu sou? Sou um monstro. Você acha mesmo que se eu morrer Jesus vai me aceitar assim? Claro que não. Tenho certeza. Se eu morrer Jesus não me deixa entrar. Todo deformado? Tá doído.<sup>44</sup>

<sup>41</sup> @missionári@ de “cura” de travestis entrevistado aprofunda a questão: “e aí você tem uma pergunta: Será que existe uma forma no céu? Isso é muito maluco de pensar. Será que quando você sobe, seu corpo se restaura? e aí surge muitas questões sobre o que significa o corpo pra religião”. Dá outros sinais da relação entre conversão do corpo e salvação: “Suponha que ele queira restaurar seu corpo inicial, pra se converter totalmente, baseado que a condição de restaurar o corpo é necessária, é verdadeira. Mas suponha que ele não tem condição pra fazer isso, financeira. Isso significa que a conversão se torna um problema financeiro, não espiritual, e então é falso. Mas pelo menos ele tem a intenção”. Explica em seguida com um caso de conversão: “esse exemplo é esse cara aqui. Se você, por exemplo não acredita na conversão, se você não tem fé suficiente, você precisa de um exemplo e a partir de quando você tem um exemplo, você pode agir pra isso. É isso que a gente faz. (Missionári@ de “cura” de travestis. Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 2014).

<sup>42</sup> PESSOA que passou por ministério de “cura” de travestis 1. Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 2014.

<sup>43</sup> PESSOA que passou por ministério de “cura” de travestis 2. Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 2014.

<sup>44</sup> PESSOA que passou por ministério de “cura” de travestis 3. Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 2014.

Tais narrativas podem dar pistas sobre as relações que algumas instituições ou algumas pessoas podem estabelecer relacionalmente entre *destransição/desconversão* e *salvação*. Em perspectiva distinta, ao menos de modo geral, nas inclusivas *o cadastro pode ser alterado* sem que se *altere o plano salvífico*: Deus não faz *acepção de pessoa* transicionada, destransicionada e retransicionada – simplesmente vai *alterando o cadastro celeste*. É possível identificar, já finalizando, que determinados discursos institucionais religiosos/generificados atuam, em costura com a subjetividade e agência das pessoas trans\* e ex-trans\* (ou com os discursos religiosos/generificados das mesmas) na *(re/des) elaboração* identitária generificada/religiosa destas, muitas vezes com reflexos nos corpos. A questão fica: quem define/descreve/prescreve qual corpo e qual alma podem ser considerados *autênticos* e passíveis (passáveis?) de acessarem o Paraíso?

### Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papyrus, 1994.

BONASSI, Brune Camillo. *Cisnorma: Acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FAVRET-SAADA, Jeanne. *Ser afetado*. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GERALDES, Elen Cristina; RAMOS, Tânia Regina Oliveira; SILVA, Juliano Domingues da; MACHADO, Liliane Maria Macedo; NEGRINI, Vanessa (Orgs.). *Mídia, misoginia e golpe*. Brasília: FAC, 2016.

LANZ, Letícia. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014.

MALUF, Sônia Weidner. *Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem*. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 143-153, 2002.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *(Re/Des) Conectando Gênero e Religião: peregrinações e conversões trans\* e ex-trans\* em narrativas orais e do Facebook*. Tese (Doutorado em História), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 21, p. 115-132, 2006.

TUDO sobre minha mãe. Direção: Pedro Almodóvar. Espanha, França: El Deseo S.A.; Renn Productions; France 2 Cinéma; Vía Digital. 101 min. 1999.

ZDEBSKYI, Janaína de Fátima; MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque; PEDRO, Joana Maria. A histórica e as belas, recatadas e do lar: misoginia à Dilma Rousseff na concepção das mulheres como costelas e dos homens como cabeça da política brasileira. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 38, p. 225-250, 2015.

### **Entrevistas**

HOMEM trans. Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 2014.

MISSIONÁRI@ de “cura” de travestis. Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 2014.

PESSOA transgênera 1. Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 2011.

PESSOA transgênera 2. Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 2011.

PESSOA transgênera 3. Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 2014.

PESSOA que passou por ministério de “cura” de travestis 1. Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 2014.

PESSOA que passou por ministério de “cura” de travestis 2. Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 2014.

PESSOA que passou por ministério de “cura” de travestis 3. Entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 2014.